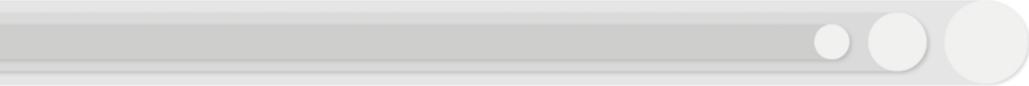


Francisco de Aquino Júnior

Teologia em saída para as periferias



Prefácio

*“Ide contar a João o que vedes e ouvis”
ou a Teologia teima em sair
para as periferias... de novo!*

Francisco de Aquino Júnior. Pe. Aquino ou Júnior. Cearense de Jaguaribe. Uma pessoa humana encantadora, tanto quanto assertiva. É ainda jovem... o que talvez se explique por ter participado, acompanhado, assessorado muito a Pastoral da Juventude, como também outras pastorais, assembleias, encontros, Campanhas da Fraternidade, movimentos populares, CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e, marcadamente, a Pastoral do Povo da Rua. Não sabemos bem se ele ajudou o Povo da Rua ou se foi o Povo da Rua que o ajudou profundamente. Cristão. Seguidor de Jesus Cristo, anunciador do reinado de Deus (digamos que, talvez, possa haver outros tipos de cristãos!?). Padre, teólogo, professor, pesquisador, servidor, animador... tudo muito bem misturado numa única pessoa. daquelas misturas que fazem bem, pois, quando lemos ou escutamos o teólogo, como é o caso deste livro que você tem em mãos, ele se revela, ao mesmo tempo, presbítero-pastor, pesquisador e humano.

Cursou Filosofia no Ceará – isto conta! Teologia, em Belo Horizonte, na Faculdade Jesuíta, sob orientação do Prof. Pe. Francisco Taborida – isto diz muito! Na Espanha, estudou o filósofo Xavier Zubiri – isto diferencia! Na Alemanha, durante quatro anos, dedicou-se ao doutorado, sob a batuta intelectual do Prof. Giancarlo Collet, que, desconfio, tem um pé na Europa e outro aqui na América Latina. À luz do

pensamento do filósofo e teólogo Pe. Ignacio Ellacuría, jesuíta, exímio pensador e vigoroso profeta, reitor da Universidade Centro-Americana, brutalmente assassinado pelas Forças Armadas de El Salvador, na ditadura, em novembro de 1989, Pe. Aquino escreveu sobre “A Teologia como intelecção do reinado de Deus” – isto o distingue!

A Faculdade Católica de Fortaleza, a Universidade Católica de Pernambuco e esporadicamente muitos centros de formação filosófica e teológica, muitos grupos, variadas dioceses... têm tido a graça da presença lúcida, profunda, simples de Francisco de Aquino Júnior. Quem não o pode ter presencialmente, pode com ele refletir e estudar por meio de livros e múltiplos artigos publicados.

Pe. Aquino, amigo e irmão que é, solicitou-me escrever o prefácio deste livro, e o faço, na alegria do Evangelho, honrado.

“Ide contar a João o que vedes e ouvis” (Lc 7,22).

Uma emblemática expressão que, de certa forma, abre as portas deste livro. Esta é a resposta que Jesus manda a João Batista, por meio de seus discípulos que, cumprindo determinação do mesmo João, prisioneiro, foram enviados a saber do próprio Jesus se era ele mesmo o Messias: “És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?” (Lc 7,19). João tinha recebido informações sobre as andanças de Jesus, sobre suas ações e palavras pelos caminhos, já tendo ele *saido* ao encontro dos que dele necessitavam: a proclamação das bem-aventuranças e das maldições; a prática do bem aplicada a todos; a misericórdia e gratuidade; a escuta da Palavra e sua prática; curas; ressurreição do filho da viúva de Naim. Quando os discípulos de João fizeram a pergunta a Jesus, naquele momento, ainda mais, ele “curou a muitos de doenças, de enfermidades, de espíritos malignos e restituiu a vista a muitos cegos” (Lc 7,21), como que a atualizar, confirmar, potencializar o significado das informações que tinham chegado a João e, acima de tudo, relacionar, religar na ação de Jesus o humano e o divino, a libertação de cada escravidão à libertação de toda escravidão, a cruz de cada um à sua cruz, a sua presença salvífica à sua missão salvífica. Jesus sabia que a pergunta de João Batista teria sido a pergunta dos antigos profetas e era a pergunta dos que o seguiam. A resposta tinha de ser suficientemente

clara e inequívoca e, ao mesmo tempo, uma resposta que firmasse o projeto de vida dos seus seguidores, que esperavam o pleno cumprimento da antiga promessa, com a vinda do Messias. Só depois disso Jesus elabora uma resposta que não era textualmente a resposta à pergunta feita. Como isso é inusitado. Para a pergunta: “És tu?”. Jesus responde: “Ide contar a João o que vedes e ouvis” (Lc 7,22). Jesus, para dizer que não precisavam esperar outro, que era ele o Ungido de Deus, diz o que fazia em relação aos pobres, aos pequeninos, aos colocados à margem da sociedade e aos excluídos. A ação libertadora, humano-transcendente, de Jesus é a confirmação de sua messianidade. Era ele. É ele. Ele é o Messias e deu a saber isto comunicando que “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7,22). Assim mesmo, com o artigo definido, conforme a Bíblia de Jerusalém. Como é muito fácil ficar escandalizado por tudo isso, Jesus conclui: “é feliz aquele que não ficar escandalizado por causa de mim” (Lc 7,23).

Até aqui observamos como foi a ação de Jesus.

“Tive sede e me destes de beber” (Mt 25,35).

Esta outra expressão, também emblematicamente rica, ajuda a penetrar mais a mensagem-lição deste livro, cuja “grande insistência é explicitar o caráter estritamente teológico e teológico da opção pelos pobres ou do compromisso com os pobres e marginalizados, formulado com Francisco em termos de ‘saída para as periferias’ e/ou ‘Igreja pobre para os pobres’” (introdução do autor). É o outro lado de uma mesma realidade, a realidade daqueles que vivem a fé em Jesus Cristo. Assim como observamos a ação de Jesus em favor dos pobres e em meio a eles, já *saído* para as periferias, a fim de dar a conhecer sua identidade messiânica, profunda, sua unção-missão, será necessário, agora, observarmos a ação dos discípulos de Jesus, na perspectiva do reinado de Deus, como elemento que o distingue e identifica em meio ao mundo.

Hoje, pela expansão de um tipo de espiritualidade e piedade desencarnada, alienante, individualista, emocionalista, intimista, assistencialista, conservadora e muitas vezes integrista e curial, própria de

movimentos pentecostais e neopentecostais católicos (e evangélicos) e de organizações religiosas de grande poder, incentivados nos dois últimos papados, em contraponto a uma hermenêutica do Concílio Vaticano II, sob o ponto de vista teológico e pastoral, mais aberta e dialógica, que coloca a Igreja como sinal do Reino e servidora do mundo (Paulo VI, no encerramento do Concílio Vaticano II), corremos o risco de “colocar tudo nas mãos de Deus”, exatamente “tudo que Deus colocou em nossas mãos”, no sentido de “lavar as mãos”, de não assumir, na alegria do Evangelho, as nossas responsabilidades cristãs no mundo. Colocar a Igreja em saída significa assumir a perspectiva da espiritualidade do reinado de Deus. Isso implica aceitar a “a herança do Reino preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25,34), que é conferida a quem “dá de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede, acolhe o estrangeiro e veste o nu, visita os doentes e os presos” (Mt 25,35).

Dom Oscar Romero, arcebispo de San Salvador, mártir, assassinado enquanto celebrava a eucaristia, em 24/03/1989, por causa de sua consumação pelos pobres nas periferias, pelo povo massacrado sob a ditadura militar em El Salvador, encarnou este ensinamento de Jesus e o traduziu assim: “a glória de Deus é o pão repartido” ou “a glória de Deus é o pobre que vive”. Santo Oscar Romero, vítima de terríveis perseguições de inimigos do reinado de Deus tanto da elite salvadorenha quanto das Forças Armadas e, também, de padres e bispos da Igreja, já tinha sido declarado santo pelo povo de Deus e agora foi reconhecido, oficialmente, pela Igreja, no dia 14/10/2018. Ele é um santo homem da Igreja em saída.

Esta é a missão dos seguidores de Jesus, relacionada à missão do próprio Jesus Cristo. Isso define a identidade dos cristãos, assim como aquilo definiu a identidade de Jesus. É necessário, no processo identitário do cristão, assumir a ação em favor dos pobres e pequeninos, como ações realizadas ao próprio autor da justiça e da paz, da misericórdia e do amor. Não assumir isso que nos foi confiado, colocado em nossas mãos, é deixar opaco o rosto do cristão no mundo e “des-conhecer” a Jesus prioritariamente presente nos pobres.

Com isso observamos como deve ser a ação do seguidor de Jesus.

A teologia vai em *saída* para as periferias, quando vai o teólogo e quando já foi a própria comunidade eclesial. Todos podem sair e ir. Todos são convidados a pôr-se *em saída*, a percorrer esse mesmo caminho, sempre aberto. Lá, *saidos*, nas periferias socioeconômicas, existenciais e culturais – também nas periferias religiosas, fora dos centros religiosos burocráticos, totalmente ocupados com a “conservação” pastoral e patrimonial –, todos se encontram: cristãos em comunidades, vivendo a fé cristã, servindo aos pobres e pequenos, por meio da assistência e do engajamento em ações transformadoras, testemunhando o amor de Deus; e se encontram também teólogos elaborando permanentemente a inteligência da fé vivida e celebrada. À Igreja em saída para as periferias corresponde uma “Teologia em saída para as periferias” – instigante título deste livro, escolhido pelo Pe. Francisco de Aquino Júnior, ele mesmo em *saída*, tocando-nos a todos periferias afora.

Muito obrigado, Pe. Aquino, por escrever este livro, gestado em sua mente e em seu coração. Obrigado, leitor, por ler este livro e experimentar a alegria de caminhar em *saída*.

14 de outubro de 2018

Celebração da canonização de Dom Oscar Romero e Paulo VI,
santos da Igreja e da Teologia em saída

DOM JOAQUIM GIOVANI MOL GUIMARÃES
Bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte
Reitor da PUC Minas

Introdução

O Concílio Vaticano II (1962-1965) e a Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968) marcaram decisivamente a vida da Igreja no mundo inteiro e, de modo particular, na América Latina, na segunda metade do século passado. Desencadearam um processo de renovação teológico-pastoral que descentralizou a Igreja de si mesma, abrindo-a e lançando-a para o mundo e para as periferias do mundo. Isso supôs e implicou tanto uma nova compreensão da Igreja e sua missão (sinal e instrumento de salvação no mundo – Igreja dos pobres) quanto uma nova configuração da Igreja (povo de Deus com seus carismas e ministérios).

Mas isso nunca foi algo tranquilo nem muito menos consensual. Sempre houve tensões e conflitos, não obstante a adesão e o apoio do que se convencionou chamar “maioria conciliar” nos anos 1960 e 1970. Aos poucos essa situação vai mudando. Já com Paulo VI, mas, sobretudo, a partir dos anos 1980, com João Paulo II e com Bento XVI. Uma “nova” hegemonia vai se impondo a partir da Cúria romana e dos bispos de Roma e, com ela, um novo dinamismo eclesial que significou, em boa medida, uma ruptura com o dinamismo eclesial desencadeado pelo Vaticano II e por Medellín. Progressivamente vai se impondo um modelo de Igreja mais voltado para práticas religiosas e interesses institucionais, mais hierárquico, clerical e centralizador. Os setores eclesiais mais afinados com o dinamismo eclesial do Vaticano II e de Medellín vão sendo marginalizados e até perseguidos. Não sem razão falou-se tanto na Europa de “inverno eclesial”. Daqui do Nordeste do Brasil,

onde inverno significa chuva e isso é bênção de Deus, teríamos que falar de “seca eclesial”.

E é dentro desse contexto de “seca eclesial” que se pode compreender a importância e o significado do novo bispo de Roma, o Papa Francisco, para a Igreja em geral e, de modo particular, para a Igreja da América Latina. Ele retoma e repropõe para o conjunto da Igreja, a partir de sua experiência na Argentina e a seu modo, as grandes intuições eclesiais do Concílio Vaticano II e da Igreja latino-americana, formuladas em termos de “Igreja em saída para as periferias do mundo” e/ou de “Igreja pobre para os pobres”. Está em jogo, aqui, uma Igreja descentrada de si mesma; uma Igreja aberta e voltada para os grandes problemas e desafios do mundo, particularmente para as situações de pobreza, injustiça, marginalização e sofrimento de qualquer tipo ou forma; uma Igreja “samaritana”, “oásis de misericórdia”, “hospital de campanha”, “mãe e pastora”, isto é, uma Igreja que tem como principal missão “curar feridas”, acompanhar as pessoas em seus sofrimentos e em suas lutas e colaborar na construção de um mundo mais justo e fraterno.

Teologia em saída para as periferias sintoniza e colabora com esse processo de renovação eclesial desencadeado pelo Papa Francisco. Além de discorrer sobre um dos maiores, senão o maior *problema/desafio* do mundo para a sociedade em geral e para a Igreja em particular, trata do *lugar* e da *perspectiva* em que a Igreja, a partir de Jesus Cristo e sua boa notícia do reinado de Deus, deve se situar e se enfrentar com qualquer questão, problema ou desafio. Os pobres e marginalizados ou as periferias do mundo, para a Igreja de Jesus Cristo, mais que um tema entre outros, são o lugar social em que ela deve se inserir e a perspectiva com qual deve se posicionar no mundo sobre diferentes temas e problemas. E isso vale tanto para a ação pastoral quanto para a reflexão teológica. Não só a Igreja e seus ministros devem ter cheiro de povo e estar a serviço da vida do povo. Também a teologia e os teólogos devem ter cheiro de povo e estar a serviço da vida do povo. Falar de *periferias do mundo* ou de *opção pelos pobres* é falar de uma nota ou característica fundamental da teologia cristã, enquanto inteligência da revelação e da fé cristãs.

Trata-se de algo que marca radical, principal e definitivamente, a teologia cristã. E essa é a grande insistência deste livro: explicitar o caráter estritamente teologal e teológico da opção pelos pobres ou do compromisso com os pobres e marginalizados, formulado com Francisco em termos de “saída para as periferias” e/ou “Igreja pobre para os pobres”.

O livro está organizado em quatro partes que se implicam e se explicam mutuamente. A primeira parte trata do processo eclesial de “saída para as periferias”, desencadeado pelo Concílio Vaticano II e pela Conferência de Medellín, conservado por muitos setores e movimentos eclesiais e retomado pelo Papa Francisco. A segunda parte se confronta com a complexidade e os desafios do mundo dos pobres e marginalizados, particularmente em sua configuração e em seu dinamismo atuais. A terceira parte explicita o vínculo da fé cristã com os pobres e marginalizados, mostrando como isso é constitutivo da fé cristã e não meramente consecutivo a ela nem muito menos algo opcional na fé. A última parte aborda a problemática do compromisso cristão com os pobres e marginalizados em sua complexidade e diversidade de dimensões e formas, destacando a dimensão socioestrutural desse compromisso com seu caráter marcadamente profético, chegando, não raras vezes, ao martírio: expressão máxima de profetismo e prova maior de fidelidade evangélica.

O desenvolvimento dessa reflexão tem inevitavelmente um caráter transdisciplinar que diz respeito tanto à relação da teologia com outros saberes e ciências quanto à relação entre as diversas áreas ou disciplinas teológicas. E aqui reside paradoxalmente uma das riquezas e um dos limites do texto. Riqueza porque mostra a complexidade, amplitude e fecundidade do tema e de seu desenvolvimento. É uma reflexão aberta e em diálogo. Limite porque, embora conecte e dialogue com diferentes saberes, ciências e áreas da teologia, não desenvolve nem sequer esboça suficiente e adequadamente nenhum desses saberes, dessas ciências e dessas áreas. São referidos e abordados apenas enquanto e na medida em que tocam no tema em questão. Assim, por exemplo, na explicitação do caráter teologal e teológico da “opção pelos pobres”, tocamos em questões de cristologia, de eclesiologia, de moral, de (macro)ecumenismo, de

escatologia etc. Mas nenhuma dessas áreas é desenvolvida nem sequer esboçada em sua complexidade e totalidade. Vale insistir: são abordadas somente enquanto e na medida em que dizem respeito a nosso tema ou, se quiser, enquanto uma nota ou característica fundamental dessas diversas áreas ou disciplinas teológicas.

Na verdade, não fizemos, aqui, mais que retomar e reelaborar para as novas gerações aquilo que constitui o núcleo da experiência eclesial latino-americana e que é sua contribuição maior para o conjunto da Igreja e da sociedade: a redescoberta e retomada da parcialidade pelos pobres e marginalizados que caracteriza radical e principalmente a revelação, a fé e a teologia cristãs. Certamente, a revelação, a fé e a teologia cristãs não se reduzem à “opção pelos pobres” ou à parcialidade pelos pobres e marginalizados. Mas essa parcialidade ou opção é de tal modo constitutiva da revelação, da fé e da teologia, que sem ela não se pode falar propriamente de experiência cristã de Deus nem de teologia cristã. E constitui, ademais, critério e medida escatológicos de fidelidade prática (fé) e teórica (teologia) ao Deus de Jesus Cristo.

Importa seguir os passos de Jesus anunciando a boa notícia do reinado de Deus que se vai tornando realidade na vida fraterna de nossas comunidades e entre as pessoas em geral e, especial e definitivamente, no compromisso com os pobres e marginalizados: Fidelidade a Deus na fidelidade aos pobres e marginalizados da terra. O Espírito que ungiu e conduziu Jesus nessa missão nos insere e nos sustenta nessa mesma missão. E nos acompanha uma grande multidão de testemunhas fiéis, muitas das quais lavaram e alvejam suas vestes no sangue do Cordeiro (Ap 7,14): Oscar Romero, Helder Camara, Fragoso, Tomás Balduino, Evaristo Arns, Ignacio Ellacuría, Ezequiel Ramim, Santo Dias, Margarida Alves, Dorothy Stang... Elas nos ajudam a manter os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,2) e a não nos afastarmos dos crucificados de nosso mundo, encorajam-nos no enfretamento dos poderosos e de seus mecanismos de dominação e nos recordam a toda hora, contra toda evidência, que “vida vivida como Jesus é vida vitoriosa, mesmo se crucificada”, e que “a glória de Deus é o pobre que vive”...